O CARDINALATO NO BRASIL (*)

Fernando Câmara

O Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropólgico), embora um pouco tardiamente, se associa às alegrias do povo cearense, realizando esta sessão solene para tributar as suas homenagens ao nosso dinâmico Arcebispo Metropolitano, Dom Aloísio Lorscheider, tendo em vista a sua promoção ao Cardinalato. Quis a magnanimidade do nosso estimado Presidente, General Carlos Studart Filho, que fosse eu o consócio escolhido para saudar o ilustre homenageado, e, por dever de gratidão, quero em primeiro lugar, agradecer esta honrosa deferência à minha pessoa, quando, sem dúvida alguma, outros colegas com maior talento, melhor desempenhariam tão nobre missão!

O Instituto do Ceará não poderia olvidar este importante acontecimento na histórica eclesiástica do nosso Estado, e, como uma tradicional entidade cultural, que no próximo ano completará noventa anos de existência, sempre se ufanou de ter dentre as suas fileiras, a presença respeitável de renomeadas figuras do nosso clero, que prestaram relevantes serviços à cultura cearense, ao engrandecimento desta Casa, e estabeleceram, inclusive, um perfeito traço de união entre a Arquidiocese de Fortaleza e o nosso Sodalício!

Recordamos os seus nomes nesta memorável noite, como um desejo nosso de que a presença religiosa nesta Casa, onde as gerações se sucedem no decorrer do tempo, seja uma eterna tradição!

PADRE DR. JOÃO AUGUSTO DA FROTA — um dos doze sócios-fundadores desta entidade, que iniciou as suas atividades em 4 de março de 1887, dela fez parte por mais de 55 anos. Foi conselheiro do 2o. Bispo, Dom Joaquim José Vieira e declinou da mitra do Pará.

(*) Discurso pronunciado na homenagem prestada pelo Instituto do Ceará ao Eminentíssimo Cardeal-Arcebispo de Fortaleza, Dom Aloísio Lorscheider, em 5 de Novembro de 1976.

MONSENHOR BRUNO RODRIGUES DA SILVA FIGUEREDO, latinista de renome e autor de diversos trabalhos, dentre os quais destacamos, "OS PRIMEIROS BISPOS DO CEARÁ", obra sempre mencionada, quando se escreve a nossa História Eclesiástica. Teve o seu nome também indicado para integrar o episcopado brasileiro, como Bispo da então Diocese do Amazonas, funções estas que não aceitou, para ficar em nosso Estado, onde foi Vigário Geral até o ano de 1913, tendo antes exercido o magistério e paroquiado diversas freguesias.

PADRE RODOLFO FERREIRA DA CUNHA, notável professor de português em muitos estabelecimentos de ensino em nossa Capital. Transferiu-se depois para o Sul do País, mas acabou os seus dias em Fortaleza, não faz muitos anos.

CÔNEGO DR. MISAEL GOMES DA SILVA, cuja existência para nós é muito preciosa, mantém ainda hoje, a tradição da existência de sacedotes nesta Casa. Teve os seus noventa anos aqui comemorados, e, não obstante a sua veneranda idade, vez por outra, prestigia as nossas reuniões. É hoje o decano do nosso clero, e talvez, o único sacerdote que já serviu a cinco Pastores da Igreja Cearense: Dom Joaquim José Vieira, Dom Manuel da Silva Gomes, Dom Antônio de Almeida Lustosa, Dom José de Medeiros Delgado e agora ao nosso Cardeal-Arcebispo, Dom Aloísio Lorscheider.

Como destaque da presença religiosa no Instituto do Ceará, registramos com muito orgulho, a admissão em 29 de maio de 1944, de um dos mais ilustres antecessores de Vossa Eminência no Sólio Cearense — Dom Antônio de Almeida Lustosa, cujas intensas atividades pastorais em nossa Arquidiocese, não conseguiram ainda assim, afastá-lo da vida literária!

Foi um abnegado Pastor, um Santo Arcebispo e um intelectual da melhor estirpe! Suas obras ainda hoje, continuam sendo editadas.

EMINENTÍSSIMO CARDEAL DOM ALOÍSIO LORSCHEIDER:

Desde a última Regência da Princesa Isabel, que o Governo Imperial tentava obter para o Brasil a criação de um Cardinalato, tendo mesmo o

Gabinete do Conselheiro João Alfredo, em ofício de 27 de abril de 1888, dado credenciais ao Ministro Sousa Correia para tratar do importante assunto, junto ao Papa Leão XIII, o imortal Pontífice da Rerum Novarum.

Doze mitras apenas constituíam naquela época o Episcopado Brasileiro, que era assim constituído:

Arcebispado da Bahia

— Dom Luiz Antônio dos Santos, que fora no Ceará o nosso 1o. Bispo;

Dioceses Sufragâneas:

Rio de Janeiro

— Dom Pedro Maria de Lacerda, um dos prelados mais notáveis em seu tempo, e de muito prestígio na corte imperial;

São Paulo

— Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, natural de Russas, neste Estado, e o segundo cearense elevado ao episcopado;

Mariana

— Dom Antônio Maria Correia de Sá e Benevides, descendente dos Sás, fundadores do Rio de Janeiro;

Diamantina

— Dom João Antônio dos Santos, antigo Reitor do Seminário do Caraça e companheiro de estudos em Roma, do nosso 1o. Bispo, Dom Luiz Antônio dos Santos;

Pernambuco

— Dom José Pereira da Silva Barros, sucessor, neste Bispado, do grande Dom Frei Vital Maria Gonçalves;

Maranhão

— Dom Antônio Cândido Alvarenga, cujo nome está ligado à nossa história eclesiástica, por ter sido o Bispo que impôs o sagrado Pálio em Dom Luiz Antônio dos Santos, quando este foi transferido para a Sede Primacial da Bahia;

Pará

— Dom Antônio Macedo Costa, sem dúvida alguma, a mais brilhante figura deste Episcopado, e cuja Diocese abrangia praticamente a metade do território nacional. Foi uma das vítimas da Questão Religiosa. Nomeado Arecebispo da Bahia, faleceu antes de tomar posse;

Rio Grande do Sul

— Sede Vacante;

Goiás

— Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leon, que lecionou em nosso Seminário da Prainha, quando simples sacerdote lazarista, e faleceu como 1o. Arcebispo do Rio Grande do Sul;

Mato Grosso

— Dom Carlos Luiz D'Amour, um abolicionista ferrenho, que governou esta Diocese por 42 anos, e da qual foi também o seu 1o. Arcebispo;

Ceará

— Dom Joaquim José Vieira, o nosso 2o. Bispo que governou a Igreja Cearense por quase 30 anos.

De um desses onze bispos deveria sair o futuro Cardeal do Brasil, se a tentativa imperial fosse coroada de êxito.

Antes mesmo de se conhecer o resultado da missão Sousa Correia, já

se discutia na corte imperial, o nome do candidato que deveria integrar o Sacro Colégio dos Cardeais.

A Regente Princesa Isabel e o Conselheiro João Alfredo eram partidários da escolha do Bispo do Rio de Janeiro, Dom Pedro Maria de Lacerda, mas o Internúncio Apostólico, Monsenhor Spolverini, quebrava lanças em favor de Dom Antônio Macedo Costa, Bispo do Pará, não admitindo mesmo, qualquer outro nome.

A queda do Gabinete João Alfredo, e, conseqüentemente, a subida do Gabinete Liberal do Visconde de Ouro Preto, o último por sinal do Império, veio serenar os ânimos.

A criação do nosso Cardinalato, voltou novamente a ser reivindicada, quando se tratou de programar as solenidades do Jubileu do Reinado, do Imperador Pedro II, a ser festejado em julho de 1890.

Comentava-se mesmo, que Dom Antônio Macedo Costa estava praticamente escolhido para o honroso título, o que nos leva a crer, ter o Visconde de Ouro Preto endossado, também, o ponto de vista do Internúncio Apostólico, quanto à escolha do nome do Bispo do Pará.

A proclamação da República veio, porém, retardar mais uma vez os planos dos dois gabinetes imperiais.

Caberia ao Barão do Rio Branco, então Ministro das Relações Exteriores do Governo Rodrigues Alves, reencetar as negociações com a Santa Sé, finalmente coroadas de êxito, com a escolha do Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, no Consistório realizado em 11 de dezembro de 1905.

O novo purpurado, que foi também o 1o. Cardeal da América Latina, recebeu o barrete e o anel das mãos do Papa Pio X, hoje santo da Igreja Católica, em solenidade realizada no dia 14 de dezembro daquele mesmo ano.

A partir de então, a Igreja do Brasil, passaria a ter um representante no Colégio dos Cardeais, número este elevado depois para três, no Pontificado de Pio XII, com a designação das cidades de São Paulo e Salvador, como Sedes Cardinalícias, e a respectiva escolha de seus Arcebispos para o honroso cargo.

Atualmente, contamos com sete Príncipes da Igreja, um dos quais, o Cardeal Agnelo Rossi, em importante missão extrapastoral em Roma, o que nos coloca em situação das mais privilegiadas, perante os demais países do mundo.

Faremos a seguir, um ligeiro esboço biográfico dos eminentes brasileiros, que foram distinguidos pela Santa Sé com o barrete cardinalício:

O PRIMEIRO CARDEAL

Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, nosso primeiro cardeal, era nordestino de Pernambuco e foi aluno, em Roma, do Colégio Pio Americano. Regressando ao Brasil, exerceu o magistério em Recife, onde foi preceptor, dentre outras notáveis personalidades, do então futuro Presidente da República, Epitácio Pessoa.

Reitor do Seminário de Olinda, teve o seu nome escolhido para Bispo de Goiás, e dali mais tarde, transferido para São Paulo, na qualidade de Bispo Coadjutor de Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, e depois seu sucessor no Sólio Paulista.

Com o falecimento de Dom João Fernando Tiago Esberard, 1o. Arcebispo do Rio de Janeiro, foi Dom Joaquim Arcoverde em 1897, designado Pastor daquela importante Arquidiocese.

Estabeleceu as mais cordiais relações entre a Igreja e o Poder Civil, durante o seu episcopado na antiga Capital da República, dando inclusive, total apoio e colaboração, às comemorações centenárias da nossa emancipação política em 1922.

Teve como Arcebispo-Coadjutor, Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, que o substituiu no cargo, quando de seu falecimento, ocorrido em 18 de abril de 1930.

O SEGUNDO CARDEAL

O segundo Cardeal do Brasil, Dom Sebastião Leme, foi elevado a essa dignidade, pelo Papa Pio XI, tendo recebido as insignes cardinalícias, no dia 6 de outubro de 1930.

Ascendera ao Episcopado Nacional como Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, promovido depois para a Arquidiocese de Olinda e Recife, onde se tornaria uma das figuras mais queridas do povo pernambucano.

Em 1922, foi transferido para a Cidade Maravilhosa, com o título de Arcebispo-Coadjutor com Direito à Sucessão, do Cardeal Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti.

Durante a revolução de 1930, foi o Cardeal Dom Sebastião Leme quem conduziu do Palácio da Guanabara, para o Forte de Copacabana, de onde partiria para o exílio, o Presidente Washington Luiz, deposto pelo movimento revolucionário vitorioso.

Por seus inestimáveis serviços prestados à Igreja de Cristo, recebeu do povo católico brasileiro, os títulos de Cardeal da Eucaristia e da Ação Católica.

Idealizou os Congressos Eucarísticos Nacionais, o primeiro dos quais, realizado na Bahia, no período de 3 a 10 de setembro de 1933, sob os auspícios do seu Arcebispo-Primaz, Dom Augusto Álvaro da Silva, mais tarde, também elevado ao Cardinalato, no pontificado do Papa Pio XII.

Nove Congressos Eucarísticos já foram realizados até a presente data, em diferentes Estados do Brasil, devendo o próximo, em 1980, realizar-se em Fortaleza, como é do conhecimento geral.

O TERCEIRO CARDEAL

O terceiro Cardeal do Brasil, foi o catarinense Dom Jaime de Barros Câmara, sucessor de Dom Sebastião Leme, na Mitra do Rio de Janeiro, quando este faleceu em 1944.

Iniciou os seus estudos no Seminário de São Leopoldo, dirigido pelos padres jesuítas, recebendo o presbiterato em 1920.

Em Santa Catarina, foi Cura da Catedral de Florianópolis e depois Reitor do Seminário de Azambuja.

No desempenho dessas funções, veio encontrá-lo em 1935, a sua nomeação para 1o. Bispo da recém-criada Diocese de Mossoró, no vizinho Estado do Rio Grande do Norte.

Ali desenvolveu intensa atividade apostólica e social, sobretudo nos meios proletários.

Fundou o Seminário Diocesano e construiu um Abrigo para a Velhice Desamparada, aplicando nesta meritória obra, toda uma herança particular que havia recebido.

Com a transferência de Dom Antônio de Almeida Lustosa, da capital paraense para Fortaleza, foi Dom Jaime de Barros Câmara, designado seu substituto no Pará, em 1942.

Dois anos apenas, permaneceria naquele Estado da Amazônia, porque, falecendo em 1944 o Cardeal Dom Sebastião Leme, teve o seu nome indicado para chefiar a Arquidiocese do Rio de Janeiro.

Em 18 de Fevereiro de 1946, em companhia do então Arcebispo de São Paulo, hoje de Aparecida, Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, recebia das mãos do Papa Pio XII, o barrete cardinalício.

Muito realizou o Cardeal Dom Jaime Câmara, como Arcebispo do Rio de Janeiro: como um verdadeiro missionário, percorreu todas as suas Paróquias, favelas e morros, levando a palavra de Cristo aos seus fiéis.

O Seminário do Rio Comprido e o início da nova Catedral, foram algumas das obras, desse insigne Pastor, que escreveu também para o seu clero, O COMPÊNDIO DE TEOLOGIA PASTORAL, obedecendo às normas da Pastoral Coletiva e do Concílio Plenário Brasileiro.

Faleceu inesperadamente, quando se encontrava na cidade de Aparecida, comemorando com o Cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, as Bodas de Prata de Cardinalato.

O QUARTO CARDEAL

Em 1946, no Pontificado de Pio XII, a cidade de São Paulo tornava-se Sede Cardinalícia, acabando com o privilégio restrito apenas a antiga Capital da República.

Dois anos antes, a Igreja Paulista havia perdido de maneira trágica o seu jovem Pastor, Dom José Gaspar d'Afonseca, falecido prematuramente em desastre aviatório, quando se dirigia ao Rio de Janeiro, para assistir à posse do novo Arcebispo, Dom Jaime Câmara.

No mesmo acidente, faleceram, além de outros passageiros, o Vigário Geral, Mons. Alberto Teixeira Pequeno, cearense do Icó, e o secretário particular de Dom Gaspar d'Afonseca, cujo nome não nos ocorre no momento.

Para ocupar o sólio bandeirante, foi o Papa Pio XII, buscar em São Luís do Maranhão, uma das figuras mais simpáticas do nosso Episcopado, o Arcebispo Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, que foi o nosso quarto Cardeal e o 1o. de São Paulo.

Natural de Mariana, uma das mais antigas sedes episcopais do Brasil, que teve Bispos do porte de Dom Antônio Ferreira Viçoso e Dom Silvério Gomes Pimenta, o Cardeal Mota fez os seus estudos no tradicional seminário daquela cidade, e dele se afastou depois, para ingressar na Faculdade de Direito de Belo Horizonte.

Militou também na política elegendo-se vereador da Câmara Municipal de Caeté. Abandonou, porém, a vida pública, para atender à voz do Divino Mestre, que o chamava ao ministério sacerdotal.

Recebeu o presbiterato em 1918, e antes de integrar o episcopado nacional, foi vigário-cooperador, capelão e diretor do Asilo da Piedade. Paroquiou Caeté e reitorava o Seminário de Belo Horizonte em 1932, quando teve a sua nomeação para Bispo Auxiliar de Diamantina.

Promovido a Arcebispo de São Luís do Maranhão em 1935, seu episcopado ali foi dos mais fecundos: restabeleceu o Cabido, composto de doze capitulares, criou um leprosário e fundou diversos estabelecimentos de ensino. Deu novo impulso à Ação Católica criando outros Departamentos.

A sua ação pastoral no Maranhão foi ressaltada pelo Papa Pio XII, quando em 1944, o transferiu para a capital paulista, como sucessor de Dom José Gaspar d'Afonseca.

Na Metrópole Bandeirante, o novo Arcebispo, preocupando-se pela formação religiosa de sua juventude, batalhou pela criação da Universidade Católica, na categoria de Pontifícia, sendo os seus esforços vitoriosos, com a inauguração em 2 de setembro de 1946.

Outra realização sua, foi a conclusão da Catedral, em estilo gótico e uma das mais belas do Brasil.

Em 18 de fevereiro de 1946, recebeu das mãos do Papa Pio XII, juntamente com o Arcebispo Dom Jaime Câmara, o barrete cardinalício.

O seu nome está ligado à história de Brasília, quando em 3 de maio de 1957, celebrou a 1a. missa oficial, na nova Capital da República, com a assistência do Chefe da Nação, Ministros de Estado e altas autoridades do País.

Em 1964, atendendo o seu pedido, a Santa Sé o transferiu para a Arquidiocese de Aparecida, cujo Santuário foi confiado ao seu zelo apostólico.

É talvez hoje, o decano do episcopado nacional e o único cardeal brasileiro que não poderá participar da eleição de um Papa, por já ter ultrapassado a idade-limite de 80 anos, fixada pelo Pontífice Paulo VI.

O QUINTO CARDEAL

A primeira Diocese no Brasil foi criada na Bahia e ainda hoje os seus Pastores ostentam o título de Arcebispo-Primaz.

Em 1953, o Papa Pio XII designou a sua capital como Sede Cardinalícia, condição esta já existente no Rio de Janeiro e São Paulo.

O seu primeiro Cardeal, foi o Arcebispo-Primaz, Dom Augusto Álvaro da Silva, natural do Recife, que fora admitido no episcopado como Bispo de Floresta, removido em 1915, para a cidade de Barra,

no Estado da Bahia. No governo dessa última Diocese, teve atuação das mais eficientes, o que lhe valeu, segundo dizem, a sua promoção em 17 de dezembro de 1924, para a Sede Primacial da Bahia, como sucessor de Dom Jerônimo Thomé da Silva. Poeta primoroso, ocultava-se na literatura sob o pseudônimo de Carlos Neto. No consistório realizado em 12 de janeiro de 1953, teve o seu nome escolhido para membro do Sacro Colégio dos Cardeais.

Durante quarenta e quatro anos, dirigiu os destinos da Arquidiocese da Bahia, que lhe deve a sua Universidade Católica e o Museu Sacro, este último organizado pelo beneditino Dom Clemente da Silva Nigra e considerado o mais sugestivo do Brasil.

Em reconhecimento às suas realizações na Boa Terra, os baianos perpetuaram o seu nome, em uma das principais avenidas de Salvador.

Faleceu no desempenho do cargo, em 14 de agosto de 1968, com a avançada idade de 92 anos, e foi substituído pelo Arcebispo-Coadjutor, Dom Eugênio de Araújo Sales.

O SEXTO CARDEAL

Dom Agnelo Rossi, que hoje se encontra em Roma, desempenhando a importante missão de Prefeito da Congregação para Evangelização dos Povos, foi o 2o. Cardeal de São Paulo e o 6o. do Brasil.

Iniciou a sua carreira episcopal como Bispo da Barra do Piraí (1956/1962), 2o. Arcebispo de Ribeirão Preto (1962/1964), quando teve a sua remoção em 1o. de novembro desse último ano, para a Arquidiocese de São Paulo.

Foi Presidente da Conferência dos Bispos do Brasil, e, em 25 de janeiro de 1965, o Papa Paulo VI o distinguiu com o barrete cardinalício. Como já frisamos, atualmente encontra-se em Roma, dirigindo a Congregação para Evangelização dos Povos, como seu Prefeito.

O SÉTIMO CARDEAL

O Arcebispo Dom Eugênio de Araújo Sales foi o 2o. Cardeal da Bahia, o 4o. do Rio de Janeiro e o 7o. do Brasil.

Natural da cidade de Acari, no Rio Grande do Norte, estudou no Seminário da Prainha e teve a sua ordenação sacerdotal em 1943, na capital daquele Estado.

Em 1954, foi eleito Bispo Auxiliar e posteriormente, Administrador Apostólico Sede Plena da Arquidiocese de Natal, funções estas que desempenhou com muita operosidade, durante dez anos.

Removido para a Bahia como Arcebispo-Coadjutor do Cardeal Dom Augusto Álvaro da Silva, tornou-se depois seu sucessor em 1968.

Durante a sua permanência na Chefia da Igreja Baiana, organizou nos anos de 1969 e 1970, os Planos Pastorais em Conjunto, em consonância com o Concílio Vaticano II, e tendo em vista as transformações do mundo atual. Criou em Itaparica um curso para candidatos ao diaconato, iniciando uma experiência que foi pioneira no Brasil, segundo afirma o Padre José Martins em seu trabalho DIACONATO—EXPERIÊNCIA DE BASE.

Em 1968 passou a fazer parte do Colégio Cardinalício, juntamente com o Arcebispo gaúcho, Dom Alfredo Vicente Scherer.

Por falecimento do Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, foi transferido para a Arquidiocese do Rio de Janeiro, onde a sua atuação tem sido das mais dinâmicas.

O OITAVO CARDEAL

A Diocese do Rio Grande do Sul foi criada em 9 de maio de 1848, pelo Papa Pio IX, o Pontífice que definiu o Dogma da Imaculada Conceição, e deixou a tradição do mais longo pontificado de toda a histórica da Igreja.

Em 15 de agosto de 1910, pela Bula Praedessuorum Nostrorum, o

Papa Pio X elevava este Bispado à categoria de Arquidiocese.

Desde 1968, a sua capital Porto Alegre é Sede Cardinalícia com a escolha de seu Metropolita, Dom Alfredo Vicente Scherer para o honroso título. O 1o. Cardeal do Rio Grande do Sul e o 8o. do Brasil, é natural daquele mesmo Estado, estudou com os Irmãos Maristas e foi aluno do Seminário de São Leopoldo.

Recebeu o presbiterato em Roma, onde também se laureou pela famosa Universidade Gregoriana.

Secretário de Dom João Becker, Vigário Geral de Porto Alegre, Bispo Auxiliar e Coadjutor, foram algumas das funções do Cardeal Scherer, até a sua nomeação em 23 de fevereiro de 1947, para a chefia daquela importante arquidiocese. Vigilante e ativo, através do seu programa A VOZ DO PASTOR, orienta o seu rebanho no caminho da verdade e da fé.

Foi ele quem sagrou Bispo o nosso eminente Cardeal Dom Aloísio Lorscheider quando da sua nomeação para a Diocese de Santo Ângelo.

O NONO CARDEAL

Dom Avelar Brandão Vilela foi o sucessor do Cardeal Dom Eugênio de Araújo Sales, na Sede Primacial da Bahia.

Quando sacerdote, esteve em Fortaleza acompanhando o então Bispo de Garanhuns, Dom Mário de Miranda Vilas Bôas, que viera pregar a Páscoa da Mocidade.

Durante a sua permanência em nossa Capital, ainda garoto, ouvi uma conhecida figura do nosso clero profetizar: "O Padre Avelar acabará Bispo, pois tem todos os requisitos necessários".

Não se enganaria portanto aquele sacerdote, porque no dia 13 de junho de 1946, a Santa Sé, sábia em suas decisões, escolhia o Padre Avelar Brandão Vilela para Bispo de Petrolina em Pernambuco.

Depois de quase dez anos de incessantes atividades pastorais naquela Diocese, teve a sua remoção para o Arcebispado de Teresina, em 5 de novembro de 1955.

Foi Presidente do Conselho Episcopal Latino-Americano — CELAN e Vice-Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB.

Em 1971, o Papa Paulo VI o transferiu para a Sede Primacial da Bahia, e no primeiro Consistório realizado, o elevou ao Cardinalato.

É hoje, Dom Avelar Brandão Vilela o 3o. Cardeal daquele Estado e o 9o. do Brasil, com destacada atuação no Episcopado Nacional.

O DÉCIMO CARDEAL

São Paulo veio ter o seu 3o. Cardeal com a designação de Dom Paulo Evaristo Arns, Bispo Auxiliar de Dom Agnelo Rossi e seu sucessor na mitra bandeirante. Detentor de diversos títulos, dentre os quais da Sorbonne, o atual Metropolita Paulista, antes de renunciar ao burel franciscano para se revestir das vestes episcopais, foi Diretor do Teologado da sua Congregação em Petrópolis. Bispo Auxiliar de Dom Agnelo Rossi, o substituiu como Arcebispo de São Paulo, quando aquele Cardeal foi nomeado Prefeito da Congregação para Evangelização dos Povos.

Paulo VI o designou para membro do Colégio dos Cardeais, juntamente com o Arcebispo-Primaz da Bahia, Dom Avelar Brandão Vilela.

É hoje uma das figuras mais discutidas da Igreja do Brasil e esteve em nossa Capital, quando da posse de Dom Aloísio Lorscheider, na Chefia da Igreja Cearense.

O DÉCIMO—PRIMEIRO CARDEAL

O Ceará inteiro vibrou nos últimos dias de abril do corrente ano, quando a imprensa falada e escrita anunciou que o nosso estimado Arcebispo Metropolitano, Dom Aloísio Lorscheider, havia sido agraciado com o barrete cardinalício.

A notícia se espalhou rapidamente em nossa Capital e foi recebida com demonstrações de alegria e entusiasmo pelo povo cearense.

Há muito que se comentava nos meios religiosos a possibilidade deste importante evento, embora, outros motivos dissessem o contrário: o Colégio dos Cardeais já contava com três franciscanos, Fortaleza não era Sede Cardinalícia, e ainda mais, outras capitais mais credenciadas, como Recife, Brasília e Belo Horizonte, para merecerem esta distinção.

Todavia, os méritos pessoais de Dom Aloísio, a sua dinâmica ação pastoral e social em nossa Ariquidiocese, e a sua destacada atuação na Igreja Universal, quer como Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB, quer como Presidente do Conselho Episcopal Latino-Americano — CELAN, ou Membro do Secretariado Permanente do Sínodo, falaram mais alto, quando o Papa Paulo VI quis dar ao nosso País mais um Cardeal!

Desnecessário se torna falr do Chefe da Igreja Cearense, pois todos nós já conhecemos a sua internacional personalidade!

Podemos dizer, todavia, que a concessão do honroso título cardinalício em nada modificou a vida do nosso eminente Pastor.

Continua Dom Aloísio desempenhando as suas atividades pastorais com a sua conhecida simplicidade, recebendo normalmente a todos que o procuram, e levando a sua palavra de fé, aos mais distantes pontos da nossa arquidiocese. Sua capacidade de trabalho é impressionante, e não sabemos mesmo, como consegue manter este ritmo de atividade, com outros encargos ainda, extrapastorais, que o obrigam a viajar constantemente.

Não obstante a intervenção cirúrgica, a que se submeteu recentemente e da qual vem se restabelecendo miraculosamente, forte pressentimento nos faz acreditar que não será em Fortaleza, a última missão confiada ao nosso Cardeal Dom Aloísio Lorscheider.

Sentimos que a Igreja Católica caminha no sentido de tornar-se cada vez mais universal, acabando com uma tradição de há alguns séculos, de que só os italianos são eleitos papas.

O Terceiro Mundo tem merecido especial atenção dos últimos Pontífices que ocuparam a Cátedra de São Pedro.

Presenciamos mais uma vez, no recente consistório realizado, a escolha de diversos Bispos desses países para compor o Sacro Colégio dos Cardeais. Isto enseja que, no próximo conclave, possamos ter talvez um Papa saído do Terceiro Mundo, como a imprensa internacional já fez comentários, citando mesmo, o nome do nosso eminente Pastor, como o mais forte candidato ao Papado. O seus méritos, as suas realizações em favor do Povo de Deus, e o seu profundo conhecimento da situação da Igreja Católica no mundo atual, o credenciam, sem dúvida alguma, para Vigário de Cristo aqui na Terra.

Se estas perspectivas estiverem dentro dos planos de Deus, como desejamos, resta-nos dizer ao nosso querido Pastor, Dom Aloísio Lorscheider, parafraseando as palavras do velho Simeão, quando da apresentação de Jesus no Templo: "Senhor, deixai que eu morra, pois já tivemos a ventura de ver aquele que um dia será o seu sucessor no governo da sua Igreja aqui na Terra!"

EMINENTÍSSIMO CARDEAL DOM ALOÍSIO LORSCHEIDER

Antes de encerrar as nossas palavras, queremos dizer ainda, que o Instituto do Ceará, ouviu também o seu apelo: "TEMOS CARDEAL MAS NÃO TEMOS CATEDRAL" e hoje, sente-se feliz, em poder dar também a sua modesta ajuda para tão meritória campanha!

Gostaríamos de colaborar com uma importância avultada, mas a nossa entidade como muitas outras de seu gênero, não dispõe de grandes recursos.

Mesmo assim, queremos dizer que a nossa ajuda é feita com a maior espontaneidade e o desejo sincero de todos os nossos colegas, de continuarem a colaborar para a construção do grandioso templo, que um dia atestará a catolicidade do povo cearense!

Bibliografia:

Pedro Calmon — BRASÍLIA Catedral do Brasil
Annaes do Seminário Archiepiscopal de Olinda (1821—1921)